



FEMINISMO NEGRO, LUGARES DE FALA
E GEOPOLÍTICA DO CONHECIMENTO

Angela Figueiredo / UFRB
angelaf39@gmail.com

Ações do movimento negro em 3 períodos:



- O primeiro, que vai de 1889-1937, esta fase inicial é considerada pelas ações imediatamente criadas após a proclamação da República pelos ex-escravos e libertos – grêmios, clubes ou associações e outros – e das publicações voltadas para tratar das questões negra, destacando a (FNB)”.
- O segundo período, de 1945-1964, é marcado pela criação da União dos Homens de Cor (UHC), em Porto Alegre, e em 1944, o Teatro experimental do Negro (TEN).
- Um terceiro momento, que vai de 1978-2000, tem destaque a criação do Movimento Negro Unificado (MNU).(DOMINGUES, 2007, p. 106).
- Eu acrescento uma quarta fase, iniciada em 2002, quando duas universidades públicas estaduais, a Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Resumidamente, diríamos que as principais contribuições do MNU foram:

- A desmistificação da mestiçagem, considerada como uma ideologia alienadora;
- A crítica à democracia racial brasileira, como ideologia e como conceito interpretativo sobre o Brasil;
- A substituição do dia de 13 de Maio pelo dia 20 de Novembro, como o dia Nacional da Consciência Negra;
- O combate aos estereótipos raciais;
- A demanda pela introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares;
- A assunção de religiões de matrizes africanas;
- A ressignificação do termo *negro* para autoclassificação da cor negra;
- E a criação de uma área específica de direito e relações raciais.
- (DOMINGUES, 2007; CARNEIRO, 2003).



Suely Carneiro destaca as conquistas alcançadas pelo movimento feminista negro no Brasil.



-
- (...)A Constituição de 1988, entre outros feitos, destituiu o pátrio poder. Destaca-se, nesse cenário dos Conselhos da Condição Feminina – órgãos voltados para o desenho de políticas públicas de promoção da igualdade de gênero e combate à discriminação contra as mulheres. A luta contra a violência doméstica e sexual estabeleceu uma mudança de paradigma em relação às questões de público e privado. A violência doméstica tida como algo da dimensão do privado alcança a esfera pública e torna-se objeto de políticas específicas. (CARNEIRO, 2003, p. 117).
-
- Além disso, a autora sublinha a incorporação da temática da raça na saúde e dos direitos reprodutivos na agenda da luta antirracista, ao denunciar o extermínio da população negra, por meio de práticas interventivas de controle da natalidade através da retirada do útero, assumidas pelo governo nos anos de 1980.
- Gostaríamos acrescentar a conquista dos direitos trabalhistas das trabalhadoras domésticas através da PEC
- E de destacar a criminalização e as medidas contra o feminicídio e o combate à violência contra as mulheres.

Algumas das contribuições do feminismo negro:

- Do mesmo modo, gostaria de salientar que uma das importantes conquistas do feminismo negro no Brasil foi, efetivamente, a reconstrução do corpo feminino negro, discursivamente construído como símbolo de resistência e como um elemento importante para a afirmação da identidade negra no Brasil foi elaborado como uma resposta a excessiva representação sexualizada atribuída ao corpo da mulata. O discursivo afirmativo da mulher negra tem como objetivo a desconstrução da mulata discursivamente e sexualmente construída. O que importa agora é opor à imagem da mulata fabricada, desconstruindo, assim, a imagem de uma mulher negra, portanto, valorizada do seu próprio ponto de vista.



Demanda contida na carta das mulheres negras em 2015

- As demandas da Marcha das Mulheres Negras estão contidas na “carta das mulheres negras”. Destaco aqui alguns aspectos, tais como: direito à vida e à liberdade; promoção da igualdade racial; direito ao trabalho; direito à educação; direito à justiça; direito à moradia, à terra e à cidade; direito à segurança pública e direito à cultura; e, o que nos parece verdadeiramente mais subversivo, do ponto de vista de um projeto político: em coro, nós, mulheres negras, exigimos um novo projeto civilizatório!



Emergência de novas epistemologias

- De acordo com Boaventura, a epistemologia construiu um modelo hegemônico de ciência moderna, oriundo do modelo de racionalidade que se constituiu a partir da revolução científica do século XVI, e que alcançou seu apogeu no século XIX. Uma das características mais destacada neste contexto foi a omissão do sujeito na produção do conhecimento, “esqueceu” trabalhadores, mulheres, indígenas, afrodescendentes, e esses excluídos e excluídas estão, sobretudo, no conjunto de países e regiões submetidos ao colonialismo europeu (SANTOS, 2009).



Conhecer para intervir é a marca destas novas reflexões:

- A maioria dos estudantes elege temas relacionados ou mais próximo do seu cotidiano.
- Não somos os primeiros a fazer isso:
- A- Pesquisas feministas e estudos sobre as desigualdades de gênero
- B- Escola de Chicago
- C- Estudos sobre sexualidade e HIV/AIDS



Perspectivas teóricas que informam a produção do conhecimento:



- Harding (1998), define a epistemologia como uma teoria que indaga sobre o sujeito do conhecimento? A epistemologia feminista parte, portanto, do reconhecimento das mulheres como sujeitos na produção do conhecimento.
- A feminista norte-americana Donna Haraway (2004) enfatiza que nossos conhecimentos sempre estão situados, falamos a partir de um lugar.... assim como propõe a noção de objetividade corporificada.

A perspectiva decolonial:



- As feministas negras norte-americanas e chicanas (Moraga; Anzaldúa, 1983), assim como alguns pensadores do Terceiro Mundo, dentro e fora dos centros metropolitanos (Mignolo, 2000), constantemente lembram que sempre falamos de uma localização particular nas relações de poder.
- A neutralidade axiológica, tão em voga em períodos anteriores, inclusive como uma forma de assegurar o estatuto científico às Ciências Sociais, deveria dar lugar à posicionalidade.
- O ponto central aqui é o lugar da enunciação, isto é, a localização étnica, sexual, racial, de classe e de gênero do sujeito que enuncia.

A contribuição do feminismo afro-americano:

- As feministas negras têm explorado essa perspectiva epistemológica de “ponto de vista afrocentrado” (Collins, 1990), destacando as questões relacionadas às implicações da posicionalidade na produção do conhecimento. Collins (1990) considera que o *stand point* é um lugar privilegiado.
- Outro conceito é o de *outsider within* que, uma posição privilegiada para a compreensão de dinâmicas complexas da vida social. O exemplo mais emblemático é o da **empregada doméstica**.



O conceito de interseccionalidade



- A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (2002; 177)

O Lugar do gênero e da raça nas análises

- Superinclusão a discriminação racial que atinge mais diretamente os homens é percebida como parte das categorias das discriminações raciais, mesmo que as mulheres não sejam igualmente afetadas por ela”.
- Subinclusão ...Em geral, a esterilização forçada de mulheres em todo o mundo não tem sido tratada como uma questão racial, embora, quando cuidadosamente examinada, se reconheçam aí fatores de risco, tais como raça, classe e outros, que determinam quais mulheres, mais provavelmente, sofrerão e quais não sofrerão esses abusos. (ib 175).

Lelia Gonzales e o racismo e o sexismo na cultura Brasileira



E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.

A emergência de novas epistemologias:

- Para concluir, eu diria que a epistemologia insubmissa está muito próxima ao lógica ao que Boa Ventura define como sociologia das urgências. Uma ciência engajada, formulada a partir de uma perspectiva que busca respostas para os problemas reais enfrentados pela comunidade.
- Assim, como sugere Suely Carneiro (1996) em “Enegrecer o feminismo”, precisamos enegrecer e feminilizar nossas perspectivas epistêmicas. É preciso inovar do ponto de vista metodológico, criar redes de solidariedade e ajuda mútua ou sucumbiremos ao *habitus* individualista do mundo acadêmico